

EM NOME DO PAI, DO FILHO  
E DO ESPÍRITO SANTO:  
A LÍRICA REFUNDADA  
DA ALMA CAPIXABA  
NAS VOZES DE MIGUEL MARVILLA,  
SERGIO BLANK E WALDO MOTTA<sup>1</sup>

IN THE NAME OF THE FATHER,  
THE SON AND THE HOLY SPIRIT:  
THE RE-FOUNDED LYRIC  
OF THE CAPIXABA SOUL  
IN THE VOICES OF MIGUEL MARVILLA,  
SERGIO BLANK AND WALDO MOTTA

Orlando Lopes\*

**N**ota introdutória

De novo Aquiles irá a Tróia; renascerão as cerimônias e as religiões; a história humana se repete; nada há agora que não tenha sido; o que

<sup>1</sup> LOPES, Orlando. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: a lírica refundada da alma capixaba nas vozes de Miguel Marvilla, Sergio Blank e Waldo Motta. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Ricardo Santos; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 179-183.

\* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

foi, será; mas tudo isso em geral, não (como determina Platão) em particular.

Lucílio Vanini, *Dos maravilhosos segredos da rainha e deusa dos mortais, a natureza*, 1616.

Nesta comunicação preliminar, que esperamos venha a ampliar-se como projeto de pesquisa, temos o interesse de retomar elementos para a constituição e representação de um sistema e de um campo do literário no Estado do Espírito Santo. Buscando incorporar as possibilidades e questionamentos tornados aparentes a partir do exercício da comparatividade, buscamos aproximar, equalizar e distinguir as emulações da literatura nas “identidades capixabas”, especialmente na poesia. Longa é já a tradição de uma disputa intelectual e ideológica sobre a produção literária identificada por parâmetros localistas, em parte provincianos, em parte cosmopolitas – e não se pode dizer que os argumentos de uns sejam, a priori, mais consistentes que os dos outros; entre os que advogam alternativa e exclusivamente por uma “literatura capixaba”, aqueles que buscam uma “literatura nacional” e os demais que se propõem alcançar uma “literatura mundial”, desejamos estar entre aqueles outros que tentam encontrar a possível incidência de todos esses aspectos da Literatura na escrita e na leitura tanto dos autores quanto dos leitores que se atravessam e são atravessados pela “espíritosantidade”, tocados pelo “capixabismo”, mas sem laivos de bairrismo ou de xenofobia: não como uma possível garantia de reconhecimento artístico, mas ao menos como um conjunto de índices nos quais se possam delinear posições, posturas ante o fenômeno do literário quando este se manifesta no horizonte de preocupações que circundam o sistema de identidades que se materializa a partir dessa localidade.

Pensamos ser necessária esta pequena introdução, para alinhar os pressupostos que tentam sustentar a delimitação teórica feita e as implicações críticas do prospecto de estudo a ser feito. Aceitando e tentando acomodar a acumulação

dessas três localizações autorais do literário (de Blank, de Motta e de Marvillia) sob o signo do “mundo capixaba”, talvez se torne mais fácil compreender como conectar as manifestações e circuitos literários locais a outros circuitos e sistemas hoje tão distantes, tanto no tempo quanto no espaço. Quanto ao recorte proposto, a sugestão de uma tríade que só no eco do tempo se pode de fato distinguir origina-se de um conjunto de preocupações, inicialmente teóricas (quais os limites do “fato literário” no contexto do “estudo literário?”), históricas (como o último quartel do século XX tem inscritas localmente as instituições do literário, e como essa localidade se relaciona com as perspectivas nacionais e globais de mobilização da Literatura?) e, por fim, geracionais (como os projetos poéticos desses três autores refletem e modificam as condições de produção e recepção, tanto por parte de seus pares quanto daqueles seus contemporâneos que reconhecem em um ou mais membros da tríade referências programáticas que se possam refletir em suas próprias posturas produtivas, éticas e estéticas?).

## SITUAÇÃO DA LITERATURA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO NO SÉCULO XX

No Espírito Santo a transição do mundo rural/colonial para o urbano/industrial somente se intensifica a partir da década de 1970, embora as ondas de choque desse encontro já se viessem anunciando desde a passagem do século XIX; esse fato torna justo supor que as gerações de artistas e escritores das décadas posteriores evidenciam a impressão das mudanças civilizacionais (o *modus operandi*) sobre os círculos de prática (o *modus vivendi*) da Literatura, seja de forma explícita ou implícita. A Literatura (pelo simples fato de se constituir histórica e socialmente em torno de um fato discursivo, o texto enunciado) traduz e exprime sempre uma visão de mundo – a cosmogonia implícita ou explícita que orienta a consciência de um autor ou de seus leitores, a base sobre a qual elaboramos a unidade do sentido e o sentido da unidade. Que testemunho seria mais representativo da mudança histórica que os artistas, particularmente os poetas? No arranjo social que acomoda as dinâmicas e as práticas da Literatura,

em cada uma de nossas incontáveis realidades históricas, empíricas, parece-nos cada vez mais necessário recuperar o sentido existencial das práticas culturais de cunho estético, a associação e o reconhecimento dos horizontes humanos (valores, representações, posturas e posicionamentos públicos e privados) que animam o processo da escrita e o hábito da leitura em sua circulação social. Aqui, não apenas os textos são entendidos como portas de acesso às alegorias do mundo ocidental: também a narrativa da vida, o “biografema”<sup>2</sup> de três poetas é considerado. Buscando atingir as “ideografias” de Miguel Marvillá, Sergio Blank e Waldo Motta (ou seja, a conformação entre suas visões de mundo e seus projetos de expressão poética), fazemos aqui um primeiro rascunho para posterior aprofundamento em relação às suas poéticas e aos diálogos que elas tornam possíveis, afinal

O que pode parecer hermético na poesia nada mais é que a vida transformada em escritura, numa espécie de descoberta epifânica. Fatos que fazem parte do mundo à volta e que, após sua escritura, torna-se impossível dividir o suceder do imaginado. Portanto, o biografema contém, em sua essência, a História, a circunstância de [um] ser [...] em relação a outros seres. (MEDINA, 2003, [s.d].)

## A POÉTICA DE SERGIO BLANK

Começemos por Sergio Blank. Torrente ultra- e/ou pós-romântica, a poética de Sergio Blank se conforma como uma “elevação do coração” e segue como

<sup>2</sup> Inveterado inventor de neologismos, Roland Barthes enuncia, em *Sade, Fourier, Loyola* [1971], o termo “biografema”, que passa a integrar a crítica como aquele significante que, “tomando um fato da vida civil do biografado, *corpus* da pesquisa ou do texto literário, transforma-o em signo, fecundo em significações, e reconstitui o gênero autobiográfico através de um conceito construtor da imagem fragmentária do sujeito, impossível de ser capturado pelo estereótipo de uma totalidade”. Anos depois, em 1980, o semiólogo francês define, em *A câmara clara*, seu novo neologismo; “Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia” (p. 51). O biografema será, pois, um fragmento que ilumina detalhes, prenes de um “infra-saber”, carregado de um certo fetichismo, que vem a imprimir novas significações no texto, seja ele narrativo, crítico, ensaístico, biográfico, autobiográfico, no texto, enfim, que é a vida, onde se criam e se recriam, o tempo todo, “pontes metafóricas entre realidade e ficção”.

tonalidade baixa e discrição. Sergio declara-se ex-poeta, poeta inativo, poeta não-praticante. Nascido em 1964, tem desde o nascimento um índice que o aproxima de uma imagem forte da história recente do País. Autodidata, iconoclasta, avesso à rigidez das instituições, sua poesia se põe desde o início sob o signo da ruptura, da descontinuidade, da abdicação da linearidade. Sua poesia retém e amplifica um olhar para e sobre o outro, propõe a subjetivação do outro, busca alcançar a imediatidade do corpo no espaço e na História. É construindo um olhar que estetiza o presente e o espaço em que este se constitui que Sérgio Blank elabora uma dicção romântica, ou pós-romântica – decididamente “pós-moderna”: e é assim que encontramos um eu-lírico que, à moda de Ariosto, é capaz de percorrer “bueiros com bernal vazio” (“Angustipene”), espreitar as passagens para outros planos como uma “sombra bêbada” e “comum-de-dois”, numa *flânerie* que não segue fundamentalmente marginal.

Marcada por um “sentimento natimorto” (“Intempérie”), num contexto de “paixões carcomidas” e de encontro com a tradição literária (que explicitamente vislumbra quando fita os “umbrais de Edgar Allan Poe”), a poética de Sergio Blank evidencia vários dos elementos típicos das dinâmicas de ruptura: fechamento, corte, desligamento, esvaziamento, de si, do outro e do mundo. Nela, a institucionalização da Literatura se mostra de forma cotidiana, informal, no limite desinstitucionalizada. Nela, a Literatura existe movida por uma vontade de agir que opera de forma sobretudo metonímica, buscando alcançar um sentido que nunca se completa, que nunca se poderá completar.

## A POÉTICA DE WALDO MOTTA

Waldo Motta é outro autodidata. É provavelmente o mais programático representante da tríade proposta, invocando a propriedade dos símbolos e – mais que eles – dos poderes que os sustentam e que neles continuamente se ocultam

e se revelam, enfatizando a representação de uma perspectiva homoerótica e alegórica da realidade, quando esta é vista com os olhos da poesia. Do mesmo modo que Sergio Blank, sensibilidade que se atém ao presente, ao que se encontra no presente, este outro eu-lírico projeta um “cupim [que], no anonimato, / rói as vértebras deste tempo” (“O labor discreto”, em *O signo na pele*), aquilo mesmo que o sustenta desde sua origem; mas, por seu próprio turno, Waldo segue, busca, literalmente gesta um canto sobre uma “terra desolada” que ecoa Elliot e desembesta toda a sorte de bestas anti-rationais, de uma *pensée sauvage* que se antepõe frente aos “gênios perversos, bestas solertes, / hostes medonhas, greis infernais”, sempre com o “verbo em riste”. Uma vez amadurecida, a poesia de Waldo Motta vai buscar “velocinos, tesouros, / manás, elixires, / graais” que permitam o encontro com o Sentido, o preenchimento do vazio – do buraco imaginário, simbólico e real – que trai toda existência.

O agir-poético de Waldo Motta se funda num agir anterior, o agir-necessidade da “vida real”, da vida como existência e não como mera (e falsa) aparência. Mística, sua poética canoniza – recanoniza – o gesto literário como forma de acomodar o elemento cômico ao expediente alegórico, como forma de reter o máximo possível daquilo que, por definição, não se pode permanentemente alcançar: a revelação e o sentido da existência de um (teatro do) mundo que se apresenta e presentifica, dando origem à própria realidade.

## A POÉTICA DE MIGUEL MARVILLA

Encerremos pela poesia de Miguel, uma poesia que se funda sobre raízes e cânones, que nos volta o olhar para o passado e a História, principalmente a História da Literatura no Ocidente. Nascido em 1959, em Marataízes, recentemente falecido e justamente homenageado neste *Bravos Companheiros...*, é conhecido principalmente como poeta, contista e editor. Foi

membro da Academia Espírito-Santense de Letras, intensificando na maturidade a preocupação com o aprofundamento no conhecimento histórico, elaborando a dissertação *O império romano e o reino dos céus*, que versa sobre um erudito do século IV a.C., Eusébio de Cesaréia. Almejando manter sua alma “ampla e arejada”, trouxe a lume *Dédalo*, *Sonetos da despaixão*, *Tanto amar*, *Lição de Labirinto*, entre outros títulos de poesia.

Miguel destilou em décadas de produção uma poética que não nega o sintomático ar de decadência farejado por tantos poetas no mal-estar geral da civilização. Também localizando-se no limite entre a “razão e a demência” (“Pequenos indícios”), sua poética reconhece a transformação que vem do acúmulo das referências, do enquadramento na tradição (não necessariamente subordinação). Não reside em seu projeto o fulgor da origem (como em Waldo) nem a imediatidade do presente (como em Blank): trata-se, antes, de cultivar um olhar sobre a própria tradição, sobre suas formas de representação. Pensando somente “com a alma”, encontramos um poeta que olha, olha, olha, até que finalmente, “de tanto procurar, [acha], mais tarde, / um pouco de borralho neste enredo / de brasas sem alarde em que me perco”.

Essa sensibilidade se atualiza a partir do passado e é capaz de elaborar o princípio de uma episteme – muito pessoal – da Literatura, de buscar uma representação da Literatura como objeto de conhecimento, não como objeto de uma teoria da literatura, mas como objeto de uma pragmática da literatura percebida diretamente em sentido histórico. Como em Waldo, há um halo de ritualização e sacralização, até porque são condições para a ocorrência legítima do cânone. Mas, diferente deste, o sagrado decai em mediação, aproximação, acúmulo e sapiência. Seu agir é um agir-desejo, da consciência que divisa, distingue um saber disperso nas malhas da História, e que busca restituí-lo seja como for, busca torná-lo no mínimo possível. Nas palavras do próprio poeta:

Tem tanto a ver, tem tanto a ver, patrícia,  
o Atlântico e os teus olhos mareados;

tem tanto de naufrágio e descobertas,  
futuros ampliados, —terra à vista||;  
tem tanto de sargaço no teu nome;  
de riscos nos teus ritos, de romances  
na aurora inóspita e noturna  
do teu púbis, que eu, o navegante,  
já de retorno à Ítaca brasilis  
(mas dentro de outra história), eu sou Ulisses:  
meu porto são as ilhas dos teus olhos  
– e o vero perigo é quando ancoro

## Referências:

- ALVAREZ, A. *A Voz do escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- AZEVEDO, Maria Helena. Algumas reflexões sobre a construção biográfica. *Anais. IV Congresso ABRALIC*, São Paulo: 1994, p. 687-689.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Ed. 70, Lisboa 1980.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Brasiliense. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-192.
- CANDIDO, Antonio. Pessoa e Personagem. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 199-215.
- COMPAGNON, Antoine. A Literatura. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. p. 29-45.
- CROVETO, Sonia Maribel Muñoz. Biografemas feminino-religiosos. *Seminário internacional "Fazendo gênero – 7"*. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Sonia\\_Maribel\\_Munoz\\_Croveto\\_42.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Sonia_Maribel_Munoz_Croveto_42.pdf) Acesso em 14 mai. 2010.
- CUNHA, Maria Teresa Santos Cunha et alii. *Refúgios do eu*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vegas, 1992.
- MEDINA, Cremilda. Perseguidor de pontos luminosos (sobre Haroldo de Campos). *Jornal da USP*, ano XVIII, n. 655, 25 a 31 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp655/pag1213.htm> Acesso em 18 jul. 2009.



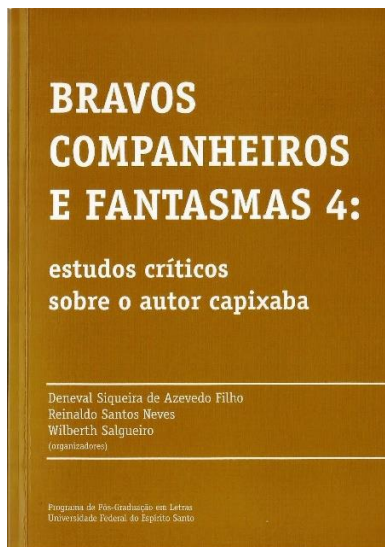
OLINTO, Heidrun K. Ego Histórias nos estudos literários. Ensaio apresentado no GT História da Literatura no Encontro Nacional da ANPOLL, Maceió, 2004. Disponível em: [www.pucrs.br/fale/histdaliteratura/gt/heidrun.php](http://www.pucrs.br/fale/histdaliteratura/gt/heidrun.php) Acesso em 10 mai. 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Biografemas. *Barthes. Encanto Radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RAGO, Margareth et alii. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, Unicamp, 2000.

RAMALHETE, Cloves. Prefácio. CLÁUDIO, Affonso. *História da Literatura Espírito-santense*. Edição fac-similada de 1912, publicada em 1981, pela Xerox do Brasil. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/prefacio\\_cloves.html](http://www.ape.es.gov.br/prefacio_cloves.html) Acesso em 29 set. 2009.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Memórias: uma oportunidade poética*. Tese de doutorado. PUC: Rio de Janeiro, 1990.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 4*

e página inicial do estudo "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: a lírica refundada da alma capixaba nas vozes de Miguel Marvillá, Sergio Blank e Waldo Motta", de Orlando Lopes.